

# ⊙ HOMEM QUE COMPARTILHOU SUA CABANA

(*Ou, como Jomo Kenyatta avisa décadas antes o que fariam os Mau-Mau*<sup>1</sup>)



**Por Jomo Kenyatta**

**Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa**

---

<sup>1</sup> - No Quênia, membros da tribo kikuyo, confrontados com colonos europeus inflexíveis, e carregando antigas mágoas pela perda de suas terras, formaram uma organização secreta voltada para a obtenção de reformas, mesmo que para conseguir esse objetivo fosse necessário o uso de violência. Irrompeu, assim, em 1952, o movimento que ficou conhecido como a rebelião Mau Mau, que os britânicos creditaram a direção a Jomo Kenyatta. A rebelião ficou inscrita como um exemplo clássico de violência produzido pela frustração gerada pela experiência colonial na África. Kenyatta em verdade liderava, nessa época, o partido político *Kenya African Union*; não era um visível líder Mau Mau, cuja força estava em sua etnia. Peter Abrahams, escritor sul-africano, contava que Kwame Nkrumah (primeiro chefe de governo de Ghana, 1957), ainda no exílio, lhe propusera e a Jomo Kenyatta, a formação de uma sociedade secreta para lutar contra os dominadores de seus países. Nkrumah teria proposto que o juramento de fidelidade à sociedade secreta fosse mediante o ritual de retirada de um pouco do sangue de cada um deles e a colocação num recipiente, misturando os seus destinos. É dito que Kenyatta teria ridicularizado a sugestão de Nkrumah. Sucede que, anos adiante, constatou-se que era a forma de união dos rebeldes Mau Mau exatamente o juramento de sangue, como proposto pelo líder ganense.

Jomo Kenyatta, nascido no Quênia em 1889, foi o primeiro chefe de governo, quando da independência (1963) de seu país. Tornou-se também famoso pelo estudo a respeito do povo kikuyo, sua etnia, na obra *Facing Mount Kenya (Encarando o Monte Quênia)*, escrito ao tempo em que era aluno do antropologista Malinowski, na Escola Londrina de Economia. Seu livro é um dos primeiros produzidos por um africano a respeito de sua própria cultura.

Em meio a bons contadores de histórias, como são os kikuyos, não apenas antigas narrativas ficam sendo contadas reiteradamente. As vezes, novas fábulas são incluídas, como a que se segue, que se desenvolve após a chegada dos colonizadores à África.

Ng'enda thi ndeagaga motegi

(Ou, não se pode enganar todos, o tempo todo)

**E**ra uma vez um elefante que fez amizade com um homem. Certo dia, ocorreu uma forte tempestade, fazendo com que o elefante buscasse seu amigo, que possuía uma pequena cabana na borda da floresta. Disse-lhe: “Meu querido e bom homem, será que você permite que eu coloque apenas meu tronco dentro de sua cabana, protegendo-me dessa chuva torrencial”.

O homem, compreendendo a situação em que se encontrava seu amigo, respondeu: “Meu querido e bom elefante, minha cabana é muito pequena, mas tem espaço para seu tronco e para mim também. Por favor, entre, mas devagar”.

O elefante agradeceu ao amigo, dizendo: “Você me fez um grande favor; um dia vou retribuir sua bondade”.

Mas o que se seguiu? Logo após haver colocado seu tronco sob a cabana, devagarinho puxou sua cabeça para a proteção da chuva e, finalmente, expulsou o homem para a chuva, esparramando-se confortavelmente dentro da cabana, quando disse: “Meu querido e bom amigo, sua pele é mais dura do que a minha, e não há aqui

dentro espaço o bastante par nós dois. Por isso, você pode perfeitamente suportar a chuva, enquanto eu fico aqui dentro, protegendo minha delicada pele dessa chuva de pedra”.

O homem, sentido com o procedimento do elefante, pôs-se a reclamar em voz alta, fazendo com que os outros animais nas proximidades ouvissem seu clamor, aproximando-se para saber o que estava acontecendo. Formou-se um círculo à volta do homem e de seu amigo elefante, ouvindo a discussão entre os dois.

Nessa confusão, apareceu rugindo o leão, que foi dizendo em voz alta: “Vocês não sabem que eu sou o Rei da Selva! Como alguém ousa perturbar a paz de meu reino?”

Ao ouvir o leão, o elefante que era um dos mais importantes ministros do reino das selvas, respondeu com voz suave: “Mas excelência!, ninguém está perturbando a ordem em seu reino. Eu estava tendo, apenas, uma discussãozinha com este meu amigo a respeito da posse desta pequena cabana que vossa excelência me vê ocupando”.

O leão, que desejava ter “paz e tranqüilidade” em seu reino, respondeu com uma voz imperial: “Eu determino a meus ministros que nomeiem uma Comissão de Inquérito, a fim de examinar todo o incidente e, ao fim, me informe adequadamente”. O leão voltou-se então para o homem e disse:”Você fez muito bem ao tornar-se amigo de meu povo, especialmente do Elefante que é um dos honoráveis ministros de Estado. Você não precisa mais reclamar, sua cabana não está perdida. Aguarde até a instalação de minha imperial Comissão de Inquérito, quando lhe será dada oportunidade de apresentar a mais ampla defesa. Tenho certeza de que você se sentirá satisfeito com a decisão final dos julgadores”.

O homem sentiu-se muito satisfeito com as amáveis palavras do Rei da Selva, e, inocentemente, aguardou por sua chance, acreditando que a cabana voltaria à sua posse.

O elefante, seguindo as ordens do Rei, envolveu-se com outros ministros na missão de formar a Comissão de Inquérito. Foram indicados os seguintes idosos, como membros da Comissão: (1) Senhor Rinoceronte; (2) Senhor Búfalo; (3) Senhor Jacaré; (4) Senhor Raposo, como presidente, e Senhor Leopardo, na condição de secretário.

Tomando conhecimento da composição da Comissão, o homem protestou,

pedindo para que fosse também incluído alguém de seu lado. Foi informado, então, que era impossível a inclusão de um humano, pois nessa espécie não havia alguém educado o bastante para entender às intrincadas leis da selva. A mais, não havia nada a temer, posto que eram os membros do órgão pessoas imparciais; e como eram cavalheiros escolhidos por Deus para cuidar dos interesses de raças inadequadamente dotadas de dentes e de garras, ele podia ficar seguro de que a matéria seria investigada com grande cuidado e decidida com justiça.

A Comissão reuniu-se para ouvir os depoimentos. O primeiro a ser chamado foi o excelentíssimo ministro senhor Elefante. Esse aproximou-se da mesa com um ar de superioridade, polindo seus chifres com um galho fresco de árvore, e com uma voz autoritária perorou: “Cavalheiros da Selva, não há porque eu faça os senhores perderem seu tempo, e o meu também, narrando uma história conhecida de todos. Eu sempre considerei como uma de minhas obrigações proteger os interesses de meus amigos, e isto parece ser a causa do mal-entendido entre mim e o meu amigo ali. Ele pediu para que eu o ajudasse, protegendo sua cabana, evitando que ela fosse levada pela tempestade. Como a tempestade adentrou à cabana devido ao espaço ocioso lá dentro, julguei necessário, no próprio interesse de meu amigo, fazer com que esse espaço subutilizado se transformasse em algo de valia, ou seja, que me abrigasse; uma iniciativa que qualquer um dos senhores haveria de ter tomado, e com a mesma proficiência, se estivesse em meu lugar.

Após a ouvida do conclusivo depoimento do senhor Elefante, a Comissão chamou o Senhor Hiena e outros anciões da selva, os quais, unanimemente, apoiaram o que o senhor Elefante havia dito. Foi então chamado o homem, que passou a dar a sua versão sobre o incidente. Mas a Comissão o interrompeu logo, dizendo: “Meu bom homem, restrinja-se a fatos relevantes. Nós já ouvimos as circunstâncias de acordo com várias fontes imparciais; tudo o que desejamos saber do senhor é se o espaço ocioso em sua cabana havia sido ocupado por alguém, antes do senhor Elefante haver assumido a posição?”

O homem iniciou dizendo, “Não, mas...” Nesse ponto, a Comissão declarou que se considerava instruída o bastante, e se retirou para tomar a decisão.

Após desfrutar de uma deliciosa refeição às custas do senhor Elefante, chegaram a um veredito. Chamaram o homem, e a sentença foi a seguinte: “Em nossa

opinião essa disputa surgiu por um mal-entendido, face a seu baixo nível de compreensão. Acreditamos que o senhor Elefante haja cumprido com o sagrado dever de proteger os interesses do reclamante. Como é óbvio, e para o seu bem, o espaço ocioso deveria ter sido posto num uso o mais produtivo possível, e se o senhor ainda não alcançou um estágio de desenvolvimento que lhe permitiria esse uso produtivo, julgamos necessário chegar a um acordo que agrade aos dois lados. O senhor Elefante deverá continuar ocupando a sua cabana, mas lhe damos permissão para que o senhor busque um local onde possa construir uma outra cabana mais adequada às suas necessidades, e cuidaremos para ver que o senhor esteja bem protegido”.

Não tendo alternativa e temendo que uma negativa sua o expusesse a dentes e garras dos integrantes da Comissão, o homem fez o que lhe sugeriram.

Tão logo ele construiu outra cabana, apareceu o senhor Rinoceronte, com seu corno ameaçador abaixado, e ordenou-lhe que abandonasse a cabana. Outra comissão real foi nomeada para examinar o novo caso, e a mesma sentença foi proferida. Ordens semelhantes de iguais comissões foram expedidas à medida em que se instalaram em novas cabanas, construídas pelo homem, os senhores Búfalo, Leopardo, Hiena e os demais

O homem decidiu que deveria adotar um método efetivo de proteção, uma vez que as comissões de inquérito mostravam-se sem qualquer eficácia. Sentou-se, desolado, e disse: *“Ng’enda thi ndeagaga motegi”*, que literalmente significa, “não há nada que se mova neste mundo que não possa cair numa armadilha”, ou em outras palavras, “você pode enganar um povo por algum tempo, mas não o fará para sempre”.

Bem cedo, certa manhã – as cabanas ocupadas pelos senhores da selva mostravam-se agora decadentes e em ruínas – o homem tomou a iniciativa de construir logo adiante uma cabana nova e muito grande. Tão pronto o senhor Rinoceronte soube, veio correndo para ocupá-la, constatando então que o senhor Elefante se encontrava instalado, e naquele momento desfrutava uma boa sesta. Em seguida, o senhor Leopardo apareceu na janela e, adentraram à casa pelas portas os senhores Leão, Raposo e Búfalo, enquanto o senhor Hiena reclamava por um lugar à sombra, e o senhor Jacaré aquecia-se ao sol no telhado.

Não demorou muito, começaram a discutir sobre seus direitos de ocupação, e da

argumentação partiram para a luta, e enquanto eles brigavam o homem pôs fogo na cabana, queimando-a às cinzas – os senhores da selva dentro.

Então, foi para casa dizendo: “ Paz é custosa, mas vale a pena o dispêndio”, e viveu feliz para sempre.